

Boa noite,
Sr. *moa sipriano* Sexo

m o a s i p r i a n o . c o m

BOA NOITE, SR. SEXO

Moa Sipriano

Oh, Santa Paciência!

Meia hora de agudos estridentes, desconjuntados.

A mulher estava com a corda descarrilada!

Eu era bombardeado por um vendaval de recomendações, dicas, ladainhas. Faltou bem pouco para descartar minha boa ação do milênio, enquanto eu me arrumava e escutava e bufava.

Enfim, minha prestimosa titia liquidou a oratória. Entregou-me a caixa ricamente decorada. Prometi pela ducentésima vez que a encomenda chegaria intacta até sua destinatária. Ganhei um beijo molhado na face direita – não suporto selos gosmentos! –, deixei o quarto feminino, bailei pelo corredor, abri a porta da cozinha e finalmente fui agraciado com uma convidativa quarta-feira de temperatura, luzes e cores abençoadas.

Eu viro um Bobossauro quando chega o inverno na minha ilha adorada.

* * *

Nunca suportei o ambiente de um hospital.

Passei boa parte da minha infância entre soros, macas, enfermeiras rabugentas, gessos rabiscados e montes de picadas na bunda.

Se o capeta existisse, eu seria a prova viva das diabruras que aprontara até os doze, treze anos de idade. Eu era... infernal! Castigava por demais todos os poros dos meus ossos frágeis durante minhas brincadeiras idiotas, extremistas.

Por outro lado, quero acreditar que, bem lá no fundo, fui um fofo vermelhinho dotado de grande coração.

Sinto saudades dos meus pais e de um irmão que eu nunca tive.

* * *

A terra prometida ficava a uns vinte minutos da casa de Oonah, minha tia do pacote. Sou pescador e gozava a última semana de férias forçadas do trabalho.

Tia Oonah não havia passado bem naquela manhã. Foi por esse motivo que tomei a liberdade de praticar um ato caridoso, levando a açucarada encomenda e as ácidas recomendações para a amada amiga íntima.

Mesmo caminhando com muita tranquilidade, degustando os aromas da estação encantadora, cheguei diante do prédio de tijolos vermelhos e colunas brancas em menos tempo do que o previsto.

Observado do lado de fora, a fachada da antiga construção era relativamente sem sal, nem açúcar. Não tinha fuça de “Hospital”.

Porém, assim que pus os pés na recepção, tive que concordar que pelo número de pessoas que vive em Lovland, aquele lugar estava de bom tamanho e aparentava máxima qualidade para atender os nativos.

Bom, eu quero acreditar que somos privilegiados em matéria de Saúde.

Identifiquei-me estampando um sorriso honesto na minha cara de sono. Gostei da cordialidade na recepção. Foi-me entregue um crachá modernoso, que afixei na minha camisa, bem na altura do coração.

Interessante avaliar a liberdade que todos nós cultivamos na ilha. Mesmo não sendo parente da mulher que estava prestes a visitar, eu poderia passar o dia todo ao seu lado, caso assim eu desejasse. Pelo menos foram essas as palavras reconfortantes proferidas pela sorridente e perfumada recepcionista.

Chegando ao quarto número dezoito, deparei-me com uma enfermeira administrando algum tipo de medicamento na amiga de minha tia.

A paciente permanecia de olhos lacrados, evitando encarar a agulha que era introduzida em seu braço esquerdo.

Sorri entre calafrios, pois recordei minha infância de imediato. Eu cultivava verdadeiro pavor diante daquela haste medonha a rasgar minha pele delicada de outrora.

Desconfortável, tentando não chamar a atenção, aguardei o término do processo. No final, enfermeira e paciente direcionaram o olhar para o macho estranho e atarracado encostado no gélido batente da porta do diminuto salva muitas vidas.

Dois sorrisos, um de cortesia e outro de felicidade pela minha presença, iluminaram o lugar claustrofóbico. A amiga de minha tia era a única moradora daquele quarto de algodão.

“Regina, visita para você logo cedo? Que bom!”, disse a enfermeira.

“Ah, essa caixinha tão conhecida. Alguém vai ganhar um belo presente de aniversário. Aposto que está repleta de guloseimas apetitosas!”, as mãos da mulher de branco procuravam tatear a encomenda que eu segurava na altura do peito.

“Sim, há doces caseiros aqui dentro... mas tudo bem *light!*”, entreguei-lhe a pequena caixa.

A experiente dona do pedaço limitou-se a compartilhar minha brincadeira, liberando um sorriso de singela proporção, enquanto conferia algo no prontuário da sua paciente.

Regina acompanhava tudo em silêncio, talvez procurando recordar de onde me conhecia. Notei em seu olhar o desejo secreto de se faltar com o conteúdo daquela caixa rosa. Os doces da minha tia eram muito famosos. Gargalhei, em devaneios bobos.

“Hummm... está tudo liberado!”, cantarolou a enfermeira, rabiscando observações numa folha sépia.

“Pode se deliciar com os doces, Regina. Mas não abuse do açúcar. Deixe um pouco para os próximos dias. E um pouco para mim também!”, ela entregou a caixa para a decantada mulher acamada.

Regina abraçou o presente de tia Oonah. Meio sonolenta devido à concentração de medicamentos certamente a rodopiar efeitos em seu corpo fragilizado, ela balbuciou agradecimentos, desatando a desproporcional fita florida que fechava a afetuosa bomba-relógio de deliciosas calorias.

A enfermeira deixou-nos a sós. Sentei-me numa cadeira de plástico branco ao lado da enferma. Ela sorriu para mim, manifestando agradecimentos pela minha visita e pelos doces através de um tímido olhar magenta.

Conversamos banalidades. Recordamos detalhes de uma intimidade inexistente. Ela repetiu vinte vezes sobre o orgulho de ter me carregado no colo, quando eu era um bebê serelepe. Fiquei ao seu lado não mais do que seis ou oito minutos. Não havia motivos concretos para travarmos longo diálogo.

Assim que consegui explicar o motivo da ausência de titia, repassei de maneira super-resumida e bem direta a metade das coisas que ela recomendara. Um cumprimento formal selou nossa despedida.

Ao abandonar aquele ambiente exíguo, uma sensação estranha me deixou um tanto destrambelhado. Eu não decidia em qual direção avançar. Sorteei mentalmente o lado direito do extenso corredor.

Direção errada, descobri após os primeiros vinte passos. Dei meia volta. Entrei à esquerda. Sem uma explicação lógica, eu não encontrava referências que me levassem à saída. Há milênios que eu não passava por ali.

Nossa Senhora. Como aquele prédio era enorme! Muita coisa havia mudado após a grande reforma de 1999.

Estaquei na frente do quarto 12-A, antes da curva no final do terceiro corredor. Um atrevimento colossal assumiu os músculos do meu braço direito.

Sem compreender a razão da minha idiota atitude, empurrei uma porta semiaberta a fim de vasculhar a intimidade alheia.

Fiquei de cavanhaque no chão! Eu não podia acreditar naquela visão celestial. Era um sonho. Só podia ser um sonho. Estremeci. Meus pés solidificaram no rejunte do assoalho de cerâmica. Engoli em seco. Desabei meu semblante entre lágrimas silenciosas. Limpei meus dez olhos umas oitenta vezes.

Ele... bem ali. Só a du... du... as pernadas de distância!

Como é possível?

Avancei em passos vacilantes. Se ele estava naquele setor, era porque estava muito, muito doente. Dedução cretina motivada pelo meu patético nervosismo.

Eu não tinha o direito de incomodar ninguém. Muito menos AQUELE homem! Mas desperdiçar tal oportunidade seria uma burrice elevada aos quadrados.

Se ele estivesse em sonhos profundos, pensei, pelo menos eu poderia confirmar com discrição todas as minhas suspeitas, contemplar seu belo rosto, vibrar com a visão do seu corpo mesmo parcialmente coberto; sentir seu cheiro de machos gladiadores e – atrevimento ao cubo! – roubar um beijo daqueles sólidos lábios entreabertos.

Ficar ao seu lado por alguns segundos já seria muito além da máxima vitória!

Meu coração ultrapassava os batimentos considerados normais. Comecei a transpirar ácidos assépticos de tão nervoso e ansioso e atordoado. Respirei fundo. Acomodei-me numa confortável poltrona de discreto design alemão.

Confirmado: ele estava encaixotado num sono profundo.

Acho que uns nove ou doze minutos se passaram. A mesma enfermeira surgiu diante de mim. Ela limitou-se a me encarar, talvez procurando se lembrar de onde me conhecia.

“Sim, sou eu mesmo”, murmurei, catorze palmos encabulado.

“Você, por acaso, é parente do Sr. V...?”, ela questionou, ressabiada, enquanto acoplava a bandeja de remédios em um suporte ligado à cama, bem ao lado daquela maravilhosa celebridade de um universo paralelo.

Enfermeira ajeitou alguns cachos rebeldes que se desprenderam do complicado coque no alto da cabeça. Eu estava envolto em pânico. E antes que eu pudesse elaborar uma mentira das boas para justificar minha invasão, ouvi a voz rouca dos meus sonhos adolescentes pronunciar a minha profana defesa.

“Sim, boneca, ele é meu... sobrinho”, ele ronronou, num tom que liquefez os ossos das minhas pernas tortas.

A voz cadenciada e poderosa era uma ordem diante dos fatos. A profissional da saúde não questionou a autenticidade daquela deliciosa afirmação.

“Percebo que o seu dia está bem agitado hoje, não é mesmo meu rapaz?”, ela apanhou algumas pílulas e um copo com água para dar ao paciente agora bem desperto.

Por instinto, ajudei minha estrela aprumar-se com conforto. Eu tremia todo e não acreditava que minhas mãos estavam tocando um dos homens mais desejados do Planeta Colorido.

Ele tomou a sua cota. Pediu outro copo de água e foi prontamente atendido pela fofa de semblante militar. Desconfiança em alta voltagem!

“Meu sobrinho passará boas horas comigo. Algum desconforto para você?”

“Não, senhor. Imagina. Ele pode ficar até uma semana ao seu lado sem nenhum problema”, disse a enfermeira, trocando a ordem das palavras, despejando um sorriso repleto de ironia, recolhendo com pressa sua bandeja de remédios, retirando-se em seguida, deixando-nos mais à vontade.

“Então, meu caro, quem é você?”, ele tocou a ponta do meu nariz.

Seus luminosos olhos negros incendiaram em meu ser insignificante uma centena de fantasias imediatas.

Eu queria ser beliscado por um exército de marimbondos sicilianos para me certificar se tudo aquilo não era um resquício de um homossonho juvenil.

“Hec... tor... é o meu nome”, a vergonha fez meu queixo peludo afundar sobre meu peito raspado.

“Pelo seu jeitinho a me encarar... deduzo que você já sabe quem eu sou”, a mão divina acariciava meu ombro esquerdo. Juro que eu sentia sua intensa energia tranquilizar a eletricidade descabida em torno do meu coração e cu piscantes.

“Todos os gays do mundo sabem quem é você, Sr. Sexo”, minha afirmação segura e intimidade natural fizeram brotar um ar de triunfo naquele rosto de traços retos e simetria perfeita.

Mesmo com a idade avançada, a lenda não perdera a beleza e vigor dos tempos áureos. Ele ainda dominava grande poder de sedução em cada gesto, em cada palavra, em cada movimento daqueles músculos – suspiros! – magníficos.

“Aquela baixinha não sabe quem realmente sou. Porém, certamente imagina o quanto disponho em minha conta bancária”, ele disse, rindo apesar do desconforto físico, acomodando-se melhor na cama estreita. “Estou aqui há treze dias. Anseio pela liberdade o mais breve possível.”

“Eu não fazia ideia de que você conhecia... Lovland!”, meu olhar castanho mareado cruzou com as fagulhas incandescentes do olhar jabuticaba do meu ídolo.

Ele sorria, enquanto esquadrihava todas as expressões involuntárias do meu corpo recolhido. A gente se comportava como amigos de longa data. Por um lado, eu conhecia toda a sua vida, digamos, artística.

Em uma caixa de madeira, que ficava bem escondida nas profundezas do meu guarda-roupa, havia vasto material que abrangia tudo sobre a carreira daquele semideus.

Fotos, recortes de revistas do mundo inteiro, quilos de fitas VHS com cópias piratas de todos os seus filmes. Eu pesquisara tudo sobre sua vida exterior. E agora –

ainda não acredito! – eu ganhava a possibilidade de conhecer o Homem Real atrás da Arte Homoerótica.

“Possuo uma modesta propriedade em sua ilha, meu doce Hector”, seu timbre suave parecia me contar uma história de ninar.

“É o meu refúgio do mundo caótico, das badalações, da perseguição incansável da mídia podre, dos produtores sem escrúpulos, de alguns fãs malucos que juram serem meus donos...”, sua face demonstrava verdadeiro cansaço após anos de memorável sucesso comercial em nosso meio.

Conversamos sobre nossas vidas por tempo não mensurado. Falei um pouco sobre mim-eu-mesmo, o meu trabalho em alto-mar, os amores do passado, sobre minha santa tia e seus divinos doces que me arrastaram até aquele hospital...

O artista confidenciou-me um pouco da sua rotina entre Europa e Estados Unidos. Dos filmes de retumbante sucesso. Das sessões intermináveis de fotos para publicidade, que ele tanto odiava. Dos hilários bastidores das cenas que se tornaram homoclássicas.

Ele era “O Ícone” de toda uma geração de gays espalhada pelo mundo, e transpirava profissionalismo, arte e competência em sua vasta filmografia.

Acompanhar aquele garanhão na tela era como fazer parte de um enredo harmônico repleto de bom sexo e incríveis fantasias realizadas à perfeição. O carinho com que ele tratava os outros atores era invejável!

Parecia amar cada companheiro de trabalho. Parecia viver intensamente cada *take*, como se fosse a primeira vez que massageava o Amor.

“Sr. Sexo, é verdade que você transou pra valer com mais de trezentos caras durante toda sua carreira?”, perguntei-lhe com a cabeça na altura do joelho, novamente.

“Sim, minha criança”, ele sorriu, abatido, como se tivesse respondido um milhão de vezes essa mesma pergunta.

“Protagonizei oitenta e sete filmes e fui profissionalmente para a cama com trezentos e dezoito homens diferentes durante doze anos de carreira, para ser mais exato. E mesmo nas cenas de sexo em grupo, jamais repeti um parceiro sequer, apesar da insistência dos meus produtores.”

O que para muitos poderia ser um choque moral, para mim soava o mais natural possível. A divindade ao meu lado fora um dos maiores atores pornô da história. O incrível detalhe de nunca transar com o mesmo ator mais de uma vez foi seu grande diferencial numa indústria carente de criatividade. Não havia em sua arte uma única sequência que não fosse capaz de excitar um homossexual ou simpatizante além do impossível.

Perdi a conta de quantas punhetas bati ao ver e rever suas performances. Nos famosos filmes de exatos trinta e seis minutos, quantas vezes eu fantasiava ser o outro, sentindo aquele corpo isento de pelos e cheio de sexos a estancar meu fôlego só de vislumbrar o brilho da tela vinte e seis polegadas!

E agora eu estava boca a boca do meu objeto de máximo desejo. Ombro a ombro com uma lenda. O maior e melhor de todos!

Para mim-eu-mesmo era impossível que tudo aquilo destilava uma realidade: eu estava ali!

Peguei-me imaginando quantos bambees não dariam tudo – tudo mesmo! – para desfrutar daquele regalo único.

“Escolhi meu futuro ainda muito jovem. Eu tinha incompletos dezoito anos quando fiz o primeiro teste para um curta de décima categoria”, o ator gargalhou com a amarga recordação.

“Não entrei nessa onda forçado e muito menos fui obrigado a fazer o que eu não queria. Sempre houve prazer sincero em meu trabalho. Mesmo sendo extremamente seletivo, sempre dei o melhor de mim em todos os filmes e fotos que realizei”, revelou o artista, onde seu olhar sensato se perdia nos arredores da minha fascinação.

“É claro que naquele tempo o preconceito a esse tipo de atividade era algo quase insuportável. Fui expulso de casa. Perdi o contato com meus pais. Morei na rua. Dormi em lugares que você não conseguiria imaginar. Mas sempre mantive minha dignidade. Jamais precisei ceder meu corpo ou minha alma contra a minha vontade. Lutei muito para chegar ao topo dessa indústria, isso é um fato. Não me arrependo de nada, absolutamente nada do que fiz. Hoje sou um fogoso quarentão aposentado, plenamente realizado. Em todos os sentidos possíveis.”

Vivenciei aquele par de olhos pérola negra tornarem-se ainda mais brilhantes por causa do merecido orgulho. Eu queria acreditar que há muito tempo ele não desabafava seus sentimentos e verdades para alguém de sua plena confiança.

A felicidade de fazer parte da vida do Sr. Sexo explodia nas extremidades do meu peito leitoso. Eu realizava mais do que um sonho erótico adolescente. Agora eu era o seu *amigão*. Meu Mercúrio confiava sua intimidade a um notório desconhecido. O mundo não podia ser mais harmonioso.

“Depois da fase ‘modelo’, fiz da fodaria uma arte entre machos... para machos. Sinto-me exultante pelo meu desempenho nesse universo. Abri pernas e portas. Deixei minha marca na beleza do envolvimento dos corpos viris, no enlace dos pelos macholinos. Porém, devo confessar, fui uma verdadeira catástrofe no envolvimento do coração.”

Houve uma pausa poética.

Meu ídolo estancou em comovido silêncio.

Havia tanto a dizer, mas sentíamos que não precisávamos verter todas as frases indiscretas de uma tarimbada Canção Psicológica.

“Antes que você me questione, transei com picas e rabos do mundo todo, mas só ameí um homem em toda minha vida”, sua voz sumiu em seu bronzeado peito quilométrico.

Sr. Sexo falava o que lhe vinha à cabeça sem nenhuma interrupção de minha parte. Só o fato de ouvi-lo para mim já era ascender ao Paraíso.

Eu intuí sobre quem ele estava falando. O seu único grande amor foi uma potência mítica do futebol americano. Se eu tivesse apostado que R. D. fora seu grande companheiro em minhas pesquisas secretas, teria perdido feio, pois nunca imaginei que aquele gringo troglodita fosse capaz de amar alguém.

Sr. Sexo captou minha surpresa.

“Como um típico sulista americano público, ele precisava manter aquela hipocrisia, aquela arrogância toda, meu caro Hector”, fiquei pasmo diante da sincronia de sensações.

“Ele não podia... como vocês falam mesmo? Ah, sim, ‘dar bandeira’ dentro da sua profissão, do seu lar, do seu meio. Lembre-se que ele é cria de uma família tradicionalíssima muito, muito conservadora... sem contar os necessários patrocínios dos hipócritas”, meu Sol levou a mão direita ao rosto salmonado.

Parecia sofrer em demasia ao comentar essa passagem de sua existência. Levantei da poltrona, sem deixar de tocar suas mãos macias. Seu olhar transtornado agradecia a ingenuidade da minha presença. E o meu olhar querubim inspirava-lhe boa cota de confiança.

“Estou muito cansado, caro Hector”, dei-lhe um pouco de água.

“Por favor, preciso dormir durante alguns minutos. Efeito dessa merda de coquetel. Eu me sentiria mais seguro se você ficasse mais um pouco...”, ele apertou minhas mãos contra os seus lábios.

Enfeitiçado, ajudei V. a encontrar uma posição adequada para um novo descanso. Ele dormiu quase que instantaneamente, após ser bem acomodado.

Permaneci ao seu lado, ora caminhando pelo quarto, ora sentado na fofa poltrona, sem nunca retirar meu olhar vidrado daquela escultura homoerótica.

Sentia como se estivéssemos somente nós dois naquele prédio. Mesmo com a porta não travada e médicos, enfermeiras e demais funcionários andando de um lado para o outro sem cessar, nenhum ser humano nos incomodava.

Cheguei a acreditar que uma Energia Superior protegia aquele nosso providencial encontro.

Escurecia rapidamente naquela época do ano.

Mesmo ainda entre nuvens, lutando contra o cansaço, a ansiedade e toneladas de emoção, cochilei. A noite abraçou-nos numa intimidade muito leve, aconchegante.

Ao abrir meus olhos, Sr. Sexo estava concentrado, observando meu semblante não sei por quanto tempo. Dessa vez não me senti intimidado. Éramos amigos. Sentíamos tangível afeição um pelo outro.

Silêncio sobrenatural. Eu não sabia as horas. Não importava. Estávamos juntos. Somente a mortífera luz de um abajur de linhas francesas alumiaava o nosso admirável ambiente de conto de piratas pirados.

Eu sentia frio. Sr. Sexo convidou-me a um abraço. Fui tolhido de vez pela emoção. Aceitei, incrédulo, repousar minha alma entre seus volumosos braços pincelados de desenhos abstratos.

Esqueci o mundo exterior. Vivi intensamente o nosso delírio na ilha da fantasia.

“Eu preciso amar você”, foi o pedido do meu ídolo.

Mesmo embasbacado diante de tal afirmativa, não perdi tempo. Entreguei todo o meu ser àquele sagrado.

Ele não foi “profissional” comigo. E, se foi, não avengei humilde capacidade de perceber nada de nada. Senti um beijo divino que eu sequer podia imaginar o quanto seria inesquecível. Senti suas mãos bronzeadas a massagear todo meu corpo exatamente como eu fantasiava na frente do videocassete durante meus doces arroubos punhetais.

O velho homem tinha a energia de um jovem recruta. Mesmo de tamanho “normal”, o sexo era tão ou mais potente do que aparecia nos filmes.

Entre nós dois, tudo foi pura diversão. Na minha cachola desconcertada, cronometrei em delírios que eu fui *hipermegamado* durante trinta e dois minutos. Tenho plena certeza de que V. sentiu minha eterna gratidão em seu íntimo tão desgastado.

Ninguém é capaz de decifrar o êxtase diante do emaranhado dos nossos pelos “públicos” roçando, espremidos, numa parede reparadora. A cada movimento dos sexos, lágrimas e suor se misturavam na magnífica comoção dos amantes. Eu era o seu fã número zero e agora era o seu homem número um!

Ele amou R. D. no passado, não restam dúvidas. Porém, nada era capaz de borrar minha convicção de que Sr. Sexo estava amando novamente. Eu fui o escolhido pelo Destino e pela pureza das afinidades que unia nossos espíritos afins.

Penetrações vigorosas. O sal encharcado a riscar nossas peles oleosas.

“Faça-me um filho!”, delirei.

O gozo veio em incrível sincronia. Sr. Sexo sufocou-me com o último beijo ainda mais extraordinário. Parte dos jorros atingiu a parede branca, do lado da janela. Também purificamos o chão ladrilhado com nossa alquimia perolada.

Em pé, estremecidos, permanecemos abraçados até recuperamos o fôlego.

Deitados, no frio vitrificado, engolimos nossos sexos e sacos dorminhocos, lambendo o tacho das nossas essências cândidas.

Não havia tempo físico para nós. O temor em sermos descobertos a qualquer segundo era superado pela conquista de uma suprema união.

Tínhamos a certeza de que nenhuma (outra) porta seria aberta.

Só consigo afirmar que, logo após a magia, adormeci adornado pela dengosa poltrona imperial.

* * *

Da janela em folhas abertas, a brisa da madrugada penetrava os contornos das cortinas cor de areia. Uma ponta solta acariciava meu rosto.

Acordei num sobressalto.

Nossas mãos permaneciam unidas na maciez dos amantes, mas seu corpo estava rígido, congelado, fino mármore glorificado.

Desvencilhei-me com certa dificuldade. Acredito que sem provocar ruídos, nauseado, aprumei minhas roupas no sombrio desfeito. Achei incômodo sentir a luz do abajur apagada. Sambando na escuridão, sem parâmetros, procurei o interruptor pelas paredes. Despertei a fluorescência do quarto azul e cinza.

Seus olhos arco-íris estavam abertos. O opaco olhar fixo mirava um paraíso irracional. Com a mão esquerda, V. segurava o resto de uma caneta. No chão havia um pedaço de tecido amarrotado. Era uma parte do lençol.

“Acredite: EU amei VOCÊ!”, diziam as letras azuis rascunhadas no recorte branco, perfumado com seu néctar olimpo.

Logo abaixo da frase havia uma assinatura desgrenhada que para mim era idêntica a que aparecia em milhares de fotos de publicidade do Grande Rei.

Meu corpo chacoalhava descompassado, fora de todo e qualquer controle. A mistura do ar frio da madrugada com o choque da perda do meu ídolo turvava meu senso de Realidades.

Enrolei o pedaço rasgado do lençol e guardei-o no bolso do *jeans* agora salpicado por lágrimas de concreto desespero a sobrepor muitas alegrias recém-compartilhadas.

Depositei um demorado beijo respeitoso em ambas as faces sólidas. Ocultei seu olhar multicolor perante o nosso mundo gris.

Em trotes pesados, desnorteado, segui até a porta. Não sei de onde tirei forças para abri-la. No corredor iluminado acima dos meus limites, caminhei sem saber onde deveria chegar. Barrei a primeira pessoa de branco que surgiu na minha frente. Agarrei o residente pelo braço. Indiquei o caminho. Gesticulei palavras difusas.

O choque cegou todos os meus sentidos.

Desmaiei.

* * *

Sr. Sexo fugiu desse mundo com a ajuda de um “AVC”.

Pelo menos é o que foi escarrado durante uma rápida entrevista coletiva realizada pelo visivelmente desconfortável médico de plantão.

Doces mentiras sempre encobrem a crua realidade.

Eu nunca soube o porquê da internação do artista.

Numa data não computada em nenhum calendário, fui teletransportado até a Cidade Cinzenta do outro lado da ponte, onde acho que depus fragmentos sobre o que houvera entre nós naquela data invernal.

Quase não abri a boca. Tudo *pro forma*.

Ninguém questionou se eu era ou não o “sobrinho”. Ninguém levantou nenhuma suspeita sobre as diversas manchas na parede e os respingos autênticos do Nirvana carimbados pelo chão do quarto. Nenhum comentário sobre o lençol rasgado ou sobre a simplória caneta que atirei para debaixo da cama.

Não fui incomodado pela imprensa marrom, rosa, azul, branca ou transparente. Descobri que o dinheiro compra qualquer nível de silêncio.

Não era interessante investigar as causas da morte de um “perverso”.

Eu soube que um irmão vindo de Munique tomou conta de todos os detalhes do velório. Discretamente, o corpo do Sr. Sexo fora cremado em algum lugar que foge à minha compreensão. A única certeza que carrego é saber que suas cinzas foram espalhadas entre os jardins de sua propriedade aqui na ilha de nome mais do que apropriado: Lovland.

Acompanhei algumas manifestações solidárias dos seus fãs. Até mesmo R. D. apareceu na capa de um tabloide londrino, numa matéria surpreendentemente carregada de ternura. A emoção estampada na fotografia em preto e branco era tocante. V. teria ficado surpreso com a debandada do armário do ex-companheiro.

Por outro lado, muitas pessoas e mídias trataram o caso como “castigo divino”. Não é necessário mencionar as barbaridades que ouvi de um hipócrita protestante solitário durante uma entrevista num canal local sobre “aberrações” como o Sr. Sexo... que infectara o nosso paraíso litorâneo.

Eu conheço muito bem o seu passado, Crente de Merda!

* * *

É setembro. O dia está magnífico.

Minha tia invadiu diversas vezes o meu refúgio, convidando-me para o almoço dominical na casa de Regina, segundo ela: esbanjando saúde.

“Hoje prefiro ficar sozinho. Estou meio... gripado”, menti sem convencer.

Finalmente solitário na casa, trancado em meu quarto, eu venerava dezenas de fitas com as variadas performances do meu ídolo espalhadas pelo assoalho de tacos bem polidos. Elas formavam um estranho caleidoscópio *vintage*.

Passei a tarde toda pesquisando trechos dos filmes sob uma nova ótica. Repetidas vezes... entre pausas e câmeras lentas.

Descobri que V. não compartilhou comigo nenhum dos movimentos e palavras que ele usara com seus parceiros do sexo profissional. Comigo ele foi o “homem” rústico e não o “artista” divino.

No raro dia de folgas, as horas foram exterminadas.

Eu finalizava meu novo ritual, praticando minha trigésima punheta.

A silenciosa mão direita oleosa judiava do meu áspero sexo gritante.

A mão esquerda segurava o pedaço de lençol com o testamento que ele havia declarado só para mim-eu-mesmo. As letras vacilantes denunciavam o ardor derradeiro da nossa querida e santa intimidade.

“Acredite: EU amei VOCÊ”, ele documentou em trêmulas letras anis.

Não fui seu único homem, Sr. Sexo. Mas o segundo que você mais amou durante essa louca vida breve.

Entre nós dois... tudo foi pura... diversão.

Eu fui *hipermegamado* durante trinta e dois minutos.

Como memorizei as fagulhas do Tempo? Eu e você jamais saberemos.

Finalmente gozei.

Apreciei minha porrapureza misturada com meu suor cervejúnico a navegar sobre as linhas da madeira encerada.

Chorei uma prece, agradecendo as minhas bênçãos, enquanto o relógio da sala martelava o sétimo sino.

“Boa noite, Sr. Sexo. Meu grande amigo”.

Esgotado, fechei os olhos e invoquei o direito de sonhar, enquanto minha alma vislumbrava meu ídolo entre nuvens róseas de um firmamento azul repleto de

dourados seres virgos. Paciente e carinhoso, V. ministrava para anjos selecionados as delícias do “fazer amor” perfeito.





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com** · **dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com** · **escritor@moasipriano.com**